

AGRADECIMENTOS

É necessária uma comunidade para criar um antropólogo, muito embora, no meu caso, tenham sido necessárias várias, e em seis países diferentes. Os nomes a quem agradeço transcendem aqueles listados nessas páginas. Espero que todos que contribuíram saibam o impacto que tiveram no fruto deste trabalho e o valor que atribuo às nossas relações.

Primeiro, meus pais, Christina e Raymond, que apoiaram gentilmente a minha curiosidade e me forneceram um refúgio para o qual eu sempre poderia retornar. Minha irmã, Elinor Driver, que tem sido uma amiga, interlocutora e comentadora capaz de me manter em um patamar alto e que compartilha excelentes percepções que lhes são próprias. Ela acrescentou muito a este livro por meio de suas ilustrações e perguntas atenciosas que fazia enquanto desenhava. Seu marido, Casey, tornou-se um irmão muito querido. Minhas tias, Margaret Auerbach e Liebe Kellen, que me receberam repetidas vezes em Joanesburgo e me viram crescer, e ao redor de quem está uma família extensa mais ampla que me deu raízes no mundo – por mais que eu me mova ao redor dele.

Mudei-me de Durban para a Cidade do Cabo para fazer a minha graduação, e as relações que construí lá resistiram ao tempo e à ausência. Depois de uma década distante, sinto-me muito feliz em estar voltando para casa conforme este livro começa a ser produzido. Meus orientadores, Sally Frankental e Fiona Ross, da Universidade da Cidade do Cabo, continuaram nossas discussões e a demandar o melhor de mim. Seus comentários sobre este manuscrito fizeram-me ter novamente em grande estima a sorte que tive de ter recebido minha primeira formação lá, e na academia sul-africana como um todo.

Lesley Green, Divine Fuh, Carolyn Hamilton, Jonathan Jansen, Dilip Menon, Shannon Morreira, Francis Nyamnjoh, Mugsy, Spiegel e tantos outros moldaram fundamentalmente minha visão do mundo, e espero um dia estar à altura do nível que eles estabeleceram.

Em Oxford, a vida acadêmica era complementada pela riqueza das amizades, profundas e únicas. Agradeço àqueles da St. Anthony's College e da comunidade Rhodes pelos diálogos que também estão sussurrados ao longo deste texto, em particular a Edwin Cameron, Nina Hall, Charne Lavery, Noelle Lopes, Bonolo Mathibela, Malebogo Ngoepe, Najala Nyabola, Emma Preston, Christopher Trisos, Carina Venter e Anya Yermakova.

Em Stanford, tive o enorme privilégio de trabalhar sob a coordenação de James Ferguson, cuja paciência, orientação, intuição e humor tornou o processo muito divertido. Um curso sobre romances em quadrinhos com Lochlann Jain mudou completamente o meu pensamento em meu primeiro ano lá, e, aos poucos, permitiu-me encontrar minha própria voz acadêmica. Teresa Caldeira, Kathy Coll, Shelly Coughlan, Paulla Ebron, Laura Hubbard, Liisa Malkki, James Lorand Matory, Grant Parker, Richard Roberts, Krish Seetah, Anna Tsing e Sylvia Yanagisako contribuíram significativamente para meu desenvolvimento intelectual. Teria sido muito mais difícil sem uma comunidade de amigos: Julia Cassaniti, Letícia Cesarino, Hillary Chart, Nisrin Elamin, Cordelia Eriksen-Davies, Mark Gardiner, Maron Greenleaf, Vivian Lu, Sarah Quesada, Joanna Richlin, Nethra Samarickwema, Victoria Saramago, David Stentiford, Kathryn Takabvirwa, Anna West, Tunç Yilmaz e tantos outros, inclusive todos pertencentes à comunidade DARE que possibilitaram a obtenção do meu diploma. Hannah Appel e Ramah McKay foram “irmãs mais velhas” maravilhosas.

Em Angola, agradeço primeiramente à família Mouzinho por tudo que fizeram para me apoiar. A pesquisa foi financiada por bolsas do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais, pela Susan Ford Dorsey Fellowship, a Bucerus ZEIT-Stiftung Foundation, pelo Programa Nacional de Intercâmbio Científico Brasileiro e pela Universidade de Stanford. Fui recebida pelo Departamento de Economia na Universidade de Katyavala Bwila, e nada poderia ter sido feito neste trabalho se o Dr. José Nicolau não tivesse garantido que a documentação estivesse pronta e oferecido todo apoio possível no processo. Também agradeço ao Dr. Bonifácio Tchimboto, da Universidade Jean Piaget, pelas conversas sobre as quais eu continuo a refletir a respeito e que me ajudaram a cartografar meu próprio caminho de vida, e a Loide Chivinda pelo mesmo. Ana Duarte tornou possível a conexão com a UKB e muitas outras relações. Isabel Bueio foi o elo essencial de muitas correntes e também continua sendo uma amiga muito querida. O apoio de Aires Walter dos Santos, Pedro Kaputa, André Macala e José “Zeto” abriu-me mundos. Zeto morreu assim que este livro foi concluído; sua passagem deixa um abismo na sociedade civil angolana. Sempre lembrarei das muitas xícaras de chá que apreciei em sua casa no Bairro da Luz, das conversas que tivemos lá e da coragem, convicção e força de caráter que dedicou ao país que amava.

Dos meus irmãos escoteiros, aprendi o significado de servir. Agradeço a todos vocês, *sempre alerta*. Ao Luis, que abocanhou uma pechincha que nos serviu muito bem, e ao Gu, por ir no embalo. Para Rafael Chitanda, por sua integridade e amizade, e aos meus muitos outros amigos não citados aqui, bem como aos pais, professores e alunos na Escola das Estrelas. Sem Justin Pearce, eu nunca teria chegado à Angola, e sua curiosidade, integridade e conhecimento continuam a inspirar: RAO ao máximo, querido. Uma maravilhosa comunidade de estudiosos de e em Angola também me apoiaram e aprofundaram este trabalho. Agradeço novamente à Ana Duarte, e reconheço a contribuição fundamental de Claudia Gastrow. Além disso, agradeço Dorothée Boulanger, Chloe Buirré, Mariana Candido, Ricardo Cardoso, Mathias de Alencastro, Maria da Encarnação Pimenta, Aaron de Grassi, Iracema Dulley, Imke Gooskins, Selina Makana, Rafael Marques, Estelle Maussion, Cheryl Meiting Schmitz, Marissa Moorman, Susana Santos, Jon Schubert, Ricardo Soares de Oliveira, António Tomás e tantos outros pela generosidade na comunidade que nos eleva a todos. No Brasil, agradeço a Roberto Kant de Lima, Julie e Ricardo Lill, Marta Patallo, Frederico Policarpo Mendonça Filho, Lígia e José Saramago Pádua, e aos membros do Consulado Angolano que me ajudaram tanto.

Após a conclusão de meu curso de doutorado, assumi um emprego no Africa Leadership College, nas Ilhas Maurício. Foi um desafio fascinante, e agradeço o suporte e a amizade de Gaidi Faraj, Mlungisi Dlamini, Janice Ndegwa e Efemena Odu, entre outros. Os alunos fizeram tudo valer a pena, e este livro foi escrito com todos eles em minha mente. Vamos contar a história da “África” de uma forma matizada e que nos deixe orgulhosos. Por seus comentários às primeiras versões deste texto, agradeço os alunos de Estudos Africanos 2 de 2018, em particular a Rosemary de Moor, Ahmed Konneh, One Pusmane e Amina Soulimani. Em 2019, fui para a Open University das Ilhas Maurício, onde o Dr. Kaviraj Sukon, com apoio da Comissão de Educação Terciária das Ilhas Maurício, concedeu o espaço para a conclusão deste manuscrito, bem como um ambiente acadêmico revigorante e benéfico. As conversas atenciosas com Myriam Blin em nosso escritório compartilhado sustentaram e enriqueceram o texto em muitos níveis.

Anne Brackenbury, da University of Toronto Press, compreendeu minha visão e encorajou-me a escrever o livro que queria, ao invés do livro que eu achava que deveria escrever, de maneira a provar que eu era, de fato, uma antropóloga, e Carli Hansen e Janice Evans me viram cruzar a linha de chegada com entusiasmo e profissionalismo. Ken Wissoker, da Duke University Press, me ajudou ao longo do caminho. Muitas pessoas já nomeadas aqui fizeram comentários perspicazes ao manuscrito. Também gostaria de agradecer as contribuições de Simon Abbott, Abena Asare, Hannah Baumesiter, Melinda Griffiths, Jenny Hough, Zandile Kayabonda,

Siphiwe Gloria Ndlovu, Mary Pipes e Michelle Reddy. Suas reflexões têm me ajudado a tornar o que tem vindo em sequência muito mais acessível.

O financiamento da Stellenbosch University permitiu a publicação deste livro na África do Sul. Agradeço a Jonathan Jansen, Celeste Mockey e Palesa Mothapo por seu apoio e comprometimento com esse processo. Embora o tempo que passei em Stellenbosch tenha sido muito menor do que nós todos imaginávamos, foi um período rico, estimulante e plantou sementes que sem dúvida crescerão nos anos vindouros. Wikus e Zyl e o time da African Sun Media, com quem foi um prazer trabalhar, agradeço por seu comprometimento em ampliar o acesso ao trabalho acadêmico na África do Sul, que tem sido uma fonte de alívio e conforto nesses tempos difíceis.

Em meio à realidade das quarentenas restritivas em virtude da pandemia de COVID-19, iniciei um novo trabalho na North West University. Pia Bombardella e Andre Goodrich lembraram-me de conversas iniciadas há mais de uma década e me deram a oportunidade de voltar a elas com foco, suporte acadêmico e cuidado. Foi um privilégio enorme integrar um departamento tão comprometido com um bom ensino, e agradeço aos dois por sua determinação em fazer o que é certo para os estudantes e pelo conhecimento na velha-nova África do Sul. Tebogo Maribe, Casper Dreyer, Hestia Victor, Anita Kooij, Bafana Monatshana, Christian Engelbrecht, Madlie de Wet e Marelize Kruger, vocês todos me lembraram a razão pela qual era tão importante voltar para casa. É um privilégio acompanhá-los nessa fase de jornada acadêmica como estudantes de pós-graduação em um departamento que esperamos transformar em um espaço de excelência, compaixão e responsividade em contexto local e global.

Para possibilitar a tradução deste manuscrito para o português, Chloe Buirre desempenhou um importante papel, assim como Sophie Dulucq. O French Research Institute of South Africa generosamente financiou os custos de sua tradução para o português, e Igor José de Renó Machado, por meio da Associação Brasileira de Antropologia, possibilitou o processo. Alexandre Branco Pereira traduziu o texto com profissionalismo e perspicácia. A todos, agradeço e espero que este trabalho fale com gentileza e bondade na língua que me acolheu.

Finalmente, Aarvin Jahajeeah entrou em minha vida em um momento no qual eu estava completamente distraída com outras coisas, e conseguiu de alguma forma se tornar central em minha vida. Seu pragmatismo, sua perspicácia e piadas terríveis transformaram completamente este processo e trouxeram muitas risadas e felicidade.